

Mailson retoma negociações com REINO BRAZILIENSE Japão e nos EUA

O ministro da Fazenda,
Wilson de Oliveira, abri-

O ministro da Fazenda, Majlson da Nóbrega, chegou sábado ao Japão, iniciando a terceira etapa do processo de normalização das relações do Brasil com a comunidade financeira internacional. Nessa fase, conforme esclareceu o assessor do Ministério para Assuntos Internacionais, Sérgio Amaral, o Governo brasileiro se concentrará numa reaproximação com os governos dos países industrializados e a viagem ao Japão "é o primeiro passo". Ainda em julho, Majlson manterá novos contatos no exterior, dessa vez com governos europeus.

a visita do ministro ao Japão tem três objetivos. O primeiro é firmar uma maior cooperação econômica. "O Japão é tradicional colaborador do Brasil. Os japoneses são grandes investidores no País, além de manter forte intercâmbio comercial", explica Amaral, lembrando que a viagem é uma oportunidade para restabelecer contatos "nos mais altos níveis com o governo japonês". O segundo ponto é da

início à normalização de contatos com a comunidade econômica internacional, reaproximando os países industrializados. Por fim a viagem ao Japão visa a ampliar as relações com os organismos multilaterais, "que está bem avançada", complementa.

Sério Amaral.
Ele frisa que nesse sentido o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) deve ser firmado em breve, além de o Brasil conseguir o Banco Mundial (Bird) esse ano um número recorde de

lhaõ de dólares.

FUNDO NAKASONE

Em Tóquio, a delegação brasileira discutirá com os representantes do governo e dos bancos privados — que provêm a maior parcela dos 30 bilhões de dólares do Plano Nakasone a serem aplicados em países do Terceiro Mundo — as linhas gerais da cooperação financeira ao Brasil. Mas, conforme destacou Sérgio Amaral, os 19 projetos que pleiteiam recursos do Fundo Nakasone não estarão em pauta. “É uma visita de caráter mais amplo, de caráter político, e certamente o ministro Majlson não discutirá os projetos”, justificou.

“A visita de Carvalho, mais amplo, de caráter político, e certamente o ministro Maílson não discutirá os projetos”, justificou

Amaral. Acrescentou ainda que na conversa entre Maílson e o ministro das Finanças do Japão, Kiichi Miyazawa, é possível surgiu o tema "emprestimo-ponte". Segundo Sérgio Amaral, a discussão se dava a nível superficial, pois primeiro é preciso definir o volume financeiro necessário ao empréstimo-ponte — que deverá ficar em torno de 600 milhões de dólares — e depois o rateio a ser feito entre os países participantes, cujos contatos se iniciaram agora com o Japão. Cauteloso, Sérgio Amaral

Rei preferiu não confirmar o valor solicitado pelo Brasil, de 5,5 bilhões de dólares, para financiamento dos 19 projetos nas áreas de energia, infra-estrutura, transporte, irrigação e social. "Com base no que apresentamos é que se discutirá o montante a ser emprestado".

embarcou com seus assessores para os Estados Unidos, onde fez uma rápida escala em Los Angeles e seguirá para San Francisco. Hoje o ministro fará conferência à Comunidade Econômico-Financeira da Costa Oeste americana e depois terá encontro reservado com o presidente do Bank of American. À noite terá um segundo encontro com os chairmen dos bancos da Costa Oeste, durante jantar oferecido por eles.

mada pelo assessor da Fazenda, Sérgio Amaral, e pelo diretor da Dívida Externa, Antônio de Pádua Seixas, segue para Tóquio, onde chega às 15h35 de sábado. Depois de um domingo livre, Majlson inicia na segunda-feira de manhã a agenda oficial de encontros que manterá no Japão.

com o vice-ministro das Finanças, que toma o café da manhã com Mairson. Em seguida a delegação se reúne com o ministro da Agricultura. Mairson verá ainda o ministro do Comércio Internacional e o ministro das Finanças, Kiichi Miyazawa. À noite janta na residência do embaixador do Brasil.

Manson tem importante encontro com o chairman da Nomura Securities, com quem falará sobre a viabilidade do lançamento de títulos brasileiros. Contudo, não serão tomadas decisões, já que primeiro o Governo brasileiro precisa fechar acordo com o FMI e com o Clube de Paris.